

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFROBRASILEIRA EM HISTÓRIAS DE VIDA, LUTAS E RESISTÊNCIAS¹

Alba Cleide Calado Wanderley²

Mirian de Albuquerque Aquino³

INTRODUÇÃO

A identidade está presente em todas as sociedades. A sociedade pós-moderna engendra a compreensão do conceito de identidade não apenas em seu caráter de construção, mas também aponta as várias adjetivações que surgem no interior das áreas do conhecimento (Sociologia, Psicologia, Antropologia, História e a Política, dentre outras). Nessa construção é possível identificar que o substantivo identidade se adere a adjetivações, formando termos como identidade cultural; identidade social; identidade pessoal; identidade coletiva; identidade profissional; identidade étnica; identidade racial; identidade local; identidade regional; identidade nacional e outras, tornando o termo mais difuso com o intuito de especificar e qualificar ainda mais o conceito de identidade, que já se constitui uma qualidade do sujeito e diz respeito às características desse sujeito.

A identidade “se refere a um modo de ser no mundo e com os outros, estando ligada aos planos cultural, sociopolítico e histórico. Em relação a identidade negra, podemos pensá-la como uma construção social, histórica, cultural e plural que um grupo etnicorracial tem sobre si mesmos a partir da relação com o outro⁴.”

Neste artigo, inicialmente, procuraremos justificar a nossa opção pelo uso do conceito afrobrasileiro no lugar de afrodescendente. Afrobrasileiro é entendido como aquele que resulta da miscigenação na sociedade brasileira. Porém, não implica dizer que os afrobrasileiros também não sejam descendentes de africanos, pois o que diferencia uma denominação da outra é a “mistura” cultura-espço. Os afrodescendentes podem ser afrodescendentes em outros espaços, como a China, os Estados Unidos, entre outros. No segundo momento, abordaremos a construção da identidade no sertão paraibano, permeada pelas falas dos sujeitos entrevistados.

AFROBRASILEIRO E AFRODESCENDENTE: DIFERENÇAS

O estudioso Cunha Júnior (2005)⁵ prefere usar e justificar o uso do conceito “afrodescendente”, relacionando-o às produções intelectuais sobre o negro nas décadas de 1930 e de 1940, as quais, segundo este autor, ancoravam-se ainda em

¹ Este trabalho é parte integrante da tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, em 2009, financiada pela CAPES.

² Historiadora, Doutora em Educação pela Universidade federal da Paraíba. Professora da UNAVIDA. Mediadora de EAD na Universidade Federal da Paraíba.

³ Doutora em Educação, Professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.

⁴ GOMES, Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: _____. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: MEC, 2005, p. 39.

⁵ CUNHA JR., Henrique. Nós, afro-descendentes: história africana e afro-descendente na cultura brasileira. In: ROMÃO, Jeruse (org.) *História da Educação do Negro e outras historias*. Brasília: MEC, 2005.

pensamentos de intelectuais que conservavam e disseminavam idéias incompatíveis com a cultura e a história africana. Esses intelectuais e seus seguidores, segundo este autor, nutriam teorias racistas que consideravam a cultura afrocêntrica inferior em comparação com a cultura eurocêntrica. Ele afirma que o conceito “afrodescendência” nasce com um profundo conhecimento do passado africano e, sobretudo, [...] com a necessidade de relacionar o passado africano com a história do Brasil⁶.

Em trabalhos mais recentes, o autor vai afirmar que o conceito “afrodescendência” serve para definir a população de negros, pardos e mestiços nos censos demográficos do IBGE. Para o autor, é de base étnica atribuído pela história sociológica desse grupo, tendo como “base a história e os processos de formação identidade afrodescendente”⁷. Este autor ainda coloca que o conceito afrodescendência na educação, afirmando que se insere nos “enfoques atuais das ciências que rejeitam as idéias de raças humanas [...]”⁸

Ao insistirmos no uso do conceito de “afrobrasileiro” não incorremos em um equívoco conceitual, posto que, do nosso ponto de vista, o que é significativo para os afrodescendentes e/ou afrobrasileiros é a afirmação de sua identidade enquanto negros e a igualdade de direitos em relação à sociedade que se identifica como branca. Assim, preferimos usar o conceito de afrobrasileiro sob o argumento de que os afrobrasileiros seriam afrodescendentes que construíram sua identidade africana no espaço brasileiro. Pode ser dito também que afrobrasileiro é aquele que tem de si e em si a imagem de ser africano no Brasil, em todas as circunstâncias. É aquilo que uma pessoa considera determinante, ou seja, a identidade que o sujeito assume, da qual se apropria e torna de si próprio. As teorias racistas e o racismo ainda predominam na sociedade brasileira, apesar de algumas políticas de ações afirmativas e da luta dos movimentos negros, das associações e das Irmandades negras.

Devido a isso, não podemos afirmar que a identidade afrobrasileira foi imposta e justificada pela cor da pele, numa representação binária: branco/preto, construída pelos brancos. Nesse sentido, essa classificação branco/preto muito difundida na Europa e importada pelos literatos brasileiros, expressa no poema retrata bem o contexto cultural que serve de terreno para o pensamento racista pelo qual perpassa a constituição da identidade do povo afrobrasileiro.

O branco é o símbolo da divindade ou de um Deus.
O negro é o do espírito do mal e do demônio.
O branco é o símbolo da luz...
O negro é o símbolo das trevas, e as trevas,
exprimem simbolicamente o mal.
O branco é o emblema da harmonia.
O negro, o emblema do caos.
O branco significa a beleza suprema.
O negro, a feiúra.

⁶ CUNHA JR., Nós..., p. 253.

⁷ CUNHA JR., Henrique. Afrodescendência e espaço urbano. In: CUNHA JR., Henrique & RAMOS, Maria Estela Rocha (orgs.). *Espaço urbano e afrodescendência* : estudos da espacialidade negra urbana para o debate das políticas públicas. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

⁸ CUNHA JR., Henrique. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui á escola. In: GOMES, Ana Beatriz & CUNHA JR., Henrique (org.). *Educação e afrodescendência no Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

O branco significa a perfeição.
O negro significa o vício.
O branco é o símbolo da inocência.
O negro, da culpabilidade, do pecado ou da degradação moral.
O branco, cor sublime, indica a felicidade.
O negro, cor nefasta, indica tristeza.
O combate do bem contra o mal é indicado simbolicamente pela oposição do negro colocado perto do branco.⁹

Podemos considerar que a construção da identidade dos afrobrasileiros está relacionada ao tipo de tratamento que os negros receberam ao longo da história. Essa questão diz respeito, inclusive, ao reconhecimento de vivermos em uma sociedade racista, onde o que prevalece é o modelo eurocêntrico, que origina um processo conflituoso e contribui para que alguns afrobrasileiros construam uma imagem negativa de si mesmos.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFROBRASILEIRA NO SERTÃO PARAIBANO

O modo de tratar o afrobrasileiro abre infinitas possibilidades de comprometimento e condicionamento para a construção de sua identidade, mas não a determinou. Prova disso são as identidades afirmadas nos espaços das Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano, que traduzem as tradições africanas, produzem saberes e valores que fortalecem uma imagem positiva de si mesmas. São identidades construídas por uma trajetória de luta, de direitos negados, de trabalho, de construção de saberes e de estudos. Assim também são identidades políticas. Essa construção da identidade brasileira é visível na fala de Laura Maria (Laura Maria da Silva, negra, nasceu em Santa Luzia - PB, professora, com Ensino Superior e Pós-Graduação, membro da Irmandade do Rosário de Santa Luzia - PB) ao narrar a trajetória de vida na Irmandade:

Bem, eu sou Laura Maria da Silva, nascida no Sítio Xique-Xique, em [...] Fui estudar, fui trabalhar numa região chamada Junco, depois fui para a região das Espinharas, lá eu fiz um curso superior que foi o curso de História, e coordenei durante oito anos a região, lá atendendo a vinte e cinco municípios, depois eu sair de lá, fui para João Pessoa trabalhar na coordenação de educação especial pelo estado, logo depois, ingressei no município, toda minha vida no município eu fazia questão de trabalhar em periferia [...] Eu gosto de ser negra, porque eu devo primar pela geração dos nossos antepassados, pela coragem que eles tiveram e pela coragem que eles passaram pra gente, que foi deles que eu herdei essa coragem. Lamento quando tem um negro que tem vergonha de ser negro. Eu não porque eu sou eu, eu acho que devo valorizar as minhas raízes, porque a árvore sem raiz morre, se eu não tivesse raiz já tinha morrido, então, acho que tenho que primar por eles e gritar que sou negra e lutar, por uma coisa melhor.

⁹ SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A invenção do ser negro: um discurso das idéias que naturalizam a inferioridade dos negros*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002, p. 58.

A protagonista inicia a sua fala narrando sua história de vida por meio dos estudos e do trabalho, a qual é comum à história dos sertanejos que ascendem por meio dos estudos e do trabalho e não obstante as condições socioeconômicas adversas de sua região, deslocam-se de sua terra natal em busca da sobrevivência. Mas Laura Maria torna-se para nós um exemplo de vida, por assumir-se como negra e lutar contra a opressão histórica em que se encontra o negro. Em seu trabalho no do setor educacional, ela encontrou um meio de amenizar tal situação, mas sempre preferiu trabalhar em locais de difícil acesso, onde se localizava a população pobre. Apesar disso, não se distanciou da academia, mas cursou várias pós-graduações com o objetivo de manter a teoria e a prática da educação sempre relacionada ao seu cotidiano. Em sua fala, o que nos chama à atenção são os sentimentos de pertença à cultura de matriz africana, sua militância na educação e nas questões etnicorraciais, a apropriação e a afirmação cultural. Ela declara ser negra, e essa postura estaria relacionada aos seus antepassados, que lhe ensinaram a ter coragem de assumir a sua identidade e lutar para que as futuras gerações possam também se reconhecer como afrobrasileiras.

A partir de sua fala, a nossa hipótese de que a identidade é construída também pelos saberes tecidos nos espaços das Irmandades do Rosário e passa a ser considerada, pois a convivência com os mais velhos da Irmandade, a escuta das histórias narradas por meio de suas lembranças, a experiência de vida, a luta e a resistência dos antepassados configuram o posicionamento de Laura Maria como negra. O sentimento de pertença é construído, e o desejo de compartilhar esse sentimento alarga-se ao lutar em defesa dos direitos iguais para os negros. O “primar” que aparece em sua fala demonstra a tomada de posição de que o negro deve assumir-se como tal na sociedade que se apresenta como racista; primar é tornar-se notório, presente na luta contra as discriminações raciais, conquistar o espaço e apropriar-se dele até o momento negado aos afrobrasileiros.

É assim que os afrobrasileiros dos espaços das Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano constroem suas identidades culturais e as afirmam por meio desse ato político. Isso implica ser protagonista da sua própria história, ser parte da história nacional dos afrobrasileiros, herdada da matriz africana. Portanto, Laura Maria se coloca como uma protagonista dessa história que, além de conquistar espaço pelo discurso e ação, agora, luta para registrar a sua fala, as experiências, as percepções e opiniões, por meio de sua produção bibliográfica:

Eu pertenço ao quilombo, então eu sei o fio da meada a gente chega ao fim, ou melhor eu sei a raiz, então quando a gente pega o fio da meada e quero se Deus quiser daqui para o próximo ano publicar o meu livro, acho que será o primeiro livro de negro, escrito por negro no dia-a-dia. Existem poucos livros publicados por negro e sobre, porque os negros que já estão na história é Henrique Cunha Junior [...] são pouquíssimos, então eu quero mostrar que negro também tem raiz, se sempre o branco super-poderoso tentou cortar a raiz do negro, não conseguiu. E nem vai conseguir.

O que poderíamos deduzir dessa fala é que a protagonista mostra sua postura frente a uma sociedade branca e racista, colocando a necessidade de os afrobrasileiros

também conquistarem espaço por intermédio da literatura sobre essa história, uma história de negro contada por quem faz a história afrobrasileira; por quem luta no cotidiano por essa história possível, diante da tentativa secular de dominação do branco. O desejo de Laura Maria só será possível de ser realizado se ela tiver formação escolar. Pelo que se depreende dessa sua fala, os membros das Irmandades aqui estudadas precisam se escolarizar, não só pela burocracia interna e externa da Irmandade, mas também pela possibilidade registrar sua história e pela possível mudança de concepção sobre o negro em nossa sociedade.

A mais importante revelação encontrada na fala de Laura Maria é a defesa do fortalecimento da educação escolar para que as crianças possam conhecer quem elas são e, a partir daí, iniciarem o processo de construção identitária. Sua ligação com os saberes escolares traz o sentimento de que, mesmo reconhecendo que a educação não pode resolver, sozinha, todas as questões da identidade afrobrasileira, ela ocupa um lugar de destaque em nossa sociedade e na discussão sobre a diversidade cultural¹⁰. Assim, entendemos que, nessas Irmandades, a identidade afrobrasileira não deve ser construída apenas com práticas educativas do seu interior, mas também com a educação escolar, que é necessária à formação integral da criança:

Eu ressalvo que é preciso um fortalecimento na educação no ensino fundamental, nós temos que dar base a nossos alunos para que eles possam construir um edifício. A escola como essa e nosso aluno é uma vergonha. O aluno tem que ser alfabetizado. Se não houver isso, nós teremos doutores, mas infelizmente, o número de doutores analfabetos não vai caber nas páginas de jornal, tem que ensinar ao aluno como ele aprende.

A construção da identidade de Laura Maria aproxima-se da história de outras identidades do espaço das Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano. Essas falas revelam histórias extraordinárias de luta e de resistência dos afrobrasileiros na tentativa de dominar e oprimir a sociedade branca. Entendemos que o campo de “segredos” (MANOEL), guardados pelas Irmandades, pode revelar uma história ainda não conhecida nas páginas de nossa história. Então, que é pelo sentimento de pertença que os membros das Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano vão construindo suas identidades, cujo sentimento está ligado aos saberes relacionados à memória, à história e à cultura, tecidas pelos mais velhos e pelos jovens da Irmandade, com a presença da educação escolar. A fala de Dona Ana Maria expressa o sentimento de pertença, na qual identificamos uma identidade cultural construída na circularidade dos momentos que delineiam a sua vida na infância, nos estudos e na participação na Irmandade:

Fiz história e ensinei a vida toda matemática. Sempre ensinei matemática. E aqui, na Irmandade, desde pequena, moleca pequena, que eu participava da festa do rosário, mais minha paixão mesmo é para ser juíza, mas pai e mãe não tinham condições, tinha que criar [...]filhos, tinha que estudar, ai não dava. Minha vontade não era de ser rainha,

¹⁰ MUNANGA, Kabengele (org). *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: Edusp, 1996.

era de ser juíza, ai o tempo passou, eu nem fui rainha e nem juíza. E estou aqui, na Irmandade do Rosário, primeiro para ajudar, eu tenho um grande amor a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, desde criança tive essa paixão, e temos que ajudar. Mais, já que estou aqui meu compromisso é ajudar. Outra coisa também, o que eu souber eu tenho que passar para outro, porque não adianta se eu ficar só para mim, tenho que deixar algo para o povo, agora tudo o que eu faço é por amor a minha paixão é essa, a Irmandade do Rosário [...] Eu sou negra, tenho orgulho da cor que tenho, sou filha de Deus, igual a vocês. Todo mundo aqui é igual.

O movimento das fases da história de vida de Dona Ana Maria (negra, nasceu em Santa Luzia-PB, professora com formação em história e música, Presidente da Irmandade do Rosário de Santa Luzia - PB) está estreitamente vinculado à Irmandade. Observamos que a protagonista discorre rapidamente sobre a sua vida profissional, remetendo-a tão logo para a relação com a Irmandade e seus sonhos desde criança. Ela deixa evidente sua dedicação às atividades na Irmandade, confirmando o sentimento de pertença ao grupo. Assim, o movimento constitutivo de sua história de vida começa com um processo de maturidade que vai além da idade, e a circularidade das fases de sua vida nos permite enxergar a formação identitária relacionada à cultura afrobrasileira revelada no imaginário infantil até a sua visão de mundo, já adulta, quando a protagonista toma uma posição do lugar que fala e assume a identidade afrobrasileira, negra. Dona Ana Maria nos faz compreender que o aprendizado de sua experiência não se deu apenas no âmbito da Irmandade. Na verdade, ela concluiu o Curso Superior em História e em Música e, com esse conhecimento, pode contribuir mais com a Irmandade.

A participação dos membros na Irmandade, em suas atividades cotidianas é relatada como parte de suas vidas.

Olha professora, a minha função na Irmandade do Rosário é dupla, eu sou tesoureiro e sou escrivão, enquanto tiver vagância no cargo, também sou aquela pessoa que, na ausência do Rei, eu assumirei, sou aquela pessoa que respondo pelo grupo, me carrego de dar explicação quando alguém procura, me carrego de representar quando o rei não tem condições, então, eu sou aquela pessoa com condições de responder questões, respondo pela Irmandade, até porque pois desde a sua fundação a Irmandade tem pessoas analfabetas, são pessoas que se a gente perguntar sobre a Irmandade eles misturam, um responde de uma forma outro de outra, não há convergência nas respostas, então eu sou a pessoa que faço com que funcione de acordo com o Estatuto, o que é bastante difícil.

Nessa fala de Antonio (negro, nasceu em Pombal - PB, segurança bancário e poeta, ensino médio completo, Tesoureiro e Escrivão da Irmandade do Rosário de Pombal), o que é possível observar é que a história das Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano é construída por meio da participação de seus membros com marcas diferentes, devido ao contexto social, ao tempo/ espaço e à razão de entrada

na Irmandade, mas iguais ao construir o sentimento de pertença. São membros que almejam objetivos comuns enquanto grupos, mas têm posições diferentes. Assim, todos os membros são importantes para a Irmandade e são respeitados de forma igual, porquanto cada um carrega suas experiências e histórias que contribuem para a história das Irmandades do Rosário.

Em sua resposta á nossa pergunta “quem era ele”, Antonio não se revelou, enquanto pessoa, mas como membro da Irmandade do Rosário, mostrando, em nosso entender que a sua vida pessoal é indissociável de sua vida das atividades da Irmandade e, ali, ele procura suprir várias funções. Ele demonstra o seu potencial de organização, experimentando o que estaria ligado com o que aprendeu no processo de sua formação, visto que a Irmandade necessita de pessoas com certo grau de escolaridade para dirigir algumas das suas atividades. Isso mostra que seus membros recebem as mesmas condições, sem hierarquias. Na Irmandade, algumas funções assumidas são de acordo com a escolaridade de cada um, com o objetivo de manter o caráter organizacional da entidade.

Essa condição de não alfabetizados, como menciona Antonio, ao que nos parece, contribui para que alguns membros não cumpram fielmente o Estatuto, posto que não sabem interpretar todas as suas diretrizes escritas, posto que preserva a oralidade. Com a entrada de jovens na Irmandade, essa situação tende a mudar. Por isso, a educação escolar é primordial para a construção da identidade afrobrasileira e a cultura de matriz africana, pois a oralidade tem sido uma prática que mantém a tradição do processo de ensino-aprendizagem da Irmandade. Todavia, é necessário ir além dos “muros” da Irmandade, expandir a educação aos afrobrasileiros, para que eles tenham acesso à educação, como cumprimento de um dos seus direitos, dentre outros, constitucionalmente, garantidos.

Durante a entrevista, Antonio não expressou diretamente palavras para se declarar negro, assumindo, portanto, uma identidade afrobrasileira. Porém, ao falar sobre preconceito, revela que os membros que participam da Irmandade do Rosário assumem-se como negros e não têm vergonha disso, ao contrário de muitos que não são membros da Irmandade. Para Antônio, “o preconceito também acontece por parte da própria comunidade negra, tem vergonha de ser negro, não quer participar da Irmandade” (ANTONIO). Assim, esse assumir-se como negro também o contempla como um membro da Irmandade do Rosário.

Já para Francisco (negro, nasceu em Santa Luzia - PB, professor com formação em economia, irmão de mesa da Irmandade do Rosário, de Santa Luzia-PB), a sua iniciação na Irmandade do Rosário está relacionada à herança cultural da sua família. Então, consideramos que, só a partir dessa relação, foi possível desenvolver o sentimento de pertença.

Bem, é tão difícil a gente falar da gente, mais sou formado em economia, estou participando dessas coisas tudo, minha mãe não é muito participativa mais gosta de influenciar a gente, ela não é muito participativa porque é muito tímida. Assim, a única festa que ela gostava era a festa do rosário, mais teve uma sequência de anos que ela não pode participar. Mais sempre eu acho que eu sou assim por causa de mainha, ela é introvertida, mais sempre procurou ser extrovertida pra gente, tanto

para mim quanto para meu irmão. Sou comunicativo, sou professor, ensino história, procuro não só me limitar aos livros didáticos, mais trazer a história para a realidade. Sou muito festeiro, solteiro [...] a gente nasceu negro e foi criado vendo o lado de ser negra, está entendendo Alba? ... de ter orgulho da cor que a gente tem. Não ter vergonha de esconder atrás, e dizer que eu sou moreno escuro não, eu não sou mesmo moreno escuro, eu sou negro. Existe essa cor por amor de Deus Alba, a gente sempre foi bem consciente, é participar da Irmandade, a gente aprende a aceitar, a viver e a levar isso para a vida.

Francisco comenta pouco sobre sua vida, mas fala das relações com a mãe, com a família, da participação na Irmandade e do trabalho, de forma pontual. Ele entrou para a Irmandade devido a sua história familiar e o sentimento de pertença ao grupo. Ele coloca que herdou esse sentimento da família, que tem orgulho de participar da Irmandade e comenta que, com o tempo, a sua ligação com ela tornou-se mais forte. É esse conjunto de valores culturais que vão responder pela identidade dos afrobrasileiros no sertão da Paraíba. Esse sentimento de pertença faz que os povos africanos cresçam com a consciência de que são diferentes do outro. Muniz Sodré¹¹ diz que a “ideia de cultura aqui vale a de uma unidade de identificações”. A cultura é uma maneira de abordar o real. Por isso mesmo, numa religião de brancos, o negro participa do sagrado dele ou se aproxima com os olhos e concepções de sua cultura. Assim, a identidade cultural anuncia e provoca um sentimento de pertença¹².

Em relação a Francisco, entendemos que ele atribui o sentimento de pertença à herança familiar e que, na vivência no grupo, esse sentimento cresce. Ele refere, ainda, que, aos poucos, com a sua participação na Irmandade, foi descobrindo que esse era o espaço dele. Sua participação na instituição antes fora limitada, devido aos estudos e ao trabalho, mas, atualmente, ele pode se dedicar mais intensamente à Irmandade, onde aprendeu a lutar contra o racismo. Apesar de não declarar sua identidade negra, foi na Irmandade que o ser negro foi fortalecido.

Essa experiência de luta pela afirmação cultural, em meio às barreiras condicionadas socialmente, também é expressa por Manoel, um dos membros mais idoso da Irmandade do Rosário. Seu Manoel (nasceu em Pombal-PB, negro, aposentado e zelador da Igreja do Rosário, analfabeto, Juiz da Irmandade e Rei da Festa do Rosário). Homem simples, simpático e cativador, ele nos falou durante horas e horas, informalmente, com os seus familiares. Como se tratava de uma pessoa idosa, essa conversa inicial foi cercada de cuidados, sendo gravada posteriormente. Assim, ele fala da dificuldade que enfrenta para dirigir a Irmandade frente ao não reconhecimento da cultura de matriz africana pela sociedade.

Bem, eu sou Manoel, negro, trabalhador tenho pouca coisa a dizer, quero passar o cargo da Irmandade para outro irmão, já estou velho e tem que alguém continuar o trabalho que vem sendo feito né, é muita luta, difícil minha filha [...]sou o rei negro sem reinado. Mas tudo quando quis fazer eu fiz. Quem reina aqui somos nós.

¹¹ SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 45-47.

¹² SODRÉ, *Claros...*

Fazendo uso de poucas palavras, o protagonista Manoel (negro, nasceu em Pombal - PB, aposentado e zelador da Igreja do Rosário, analfabeto, Juiz da Irmandade e Rei da Festa do Rosário) fala seu nome e, em seguida, expressa a sua identidade, assumindo ser negro e trabalhador. Essas características são comuns aos membros da Irmandade do Rosário e a muitos negros brasileiros, mesmo que a sociedade brasileira tenha criado estereótipos diferentes, conceituando-os como malandros, marginais e ladrões, entre outros. Manoel redimensiona a sua fala sobre sua vida para a Irmandade e anuncia a passagem de cargo que fará no futuro. Ele lembra que a Irmandade é um espaço de luta, assume-se como rei da Irmandade, mas sem reinado. Devido ao preconceito da sociedade, ele não consegue ter um reinado, pois não lhe é permitido ser rei na sociedade branca, razão por que seu reinado é na Irmandade, onde todos reinam. O retorno desse reinado africano, através da Irmandade, também é lembrado por Raimundo (falecido em Janeiro de 2008; sua última participação na Irmandade deu-se em outubro de 2007, nas apresentações dos Congos na Festa do Rosário), ao compartilhar sua história de vida nesta pesquisa:

Minha filha, dançar, pular e cantar no grupo me torna feliz. Eu sou tudo isso aí, sou um negro feliz, feliz por está no grupo. Quando faço isso parece que estou vivendo o que os meus antepassados viveram no reino deles, só que agora é diferente, a gente tem mais liberdade, naquela época à coisa era mais difícil, neguinho era preso por dançar a dança dos Congos, quer dizer hoje as pessoas deveriam valorizar mais, mas tenho fé que ainda irão. Pois, a situação sempre muda, nasci no sítio, trabalhava de sol a sol e hoje, trabalho pouco, porque sou aposentado, daí sobra mais tempo para participar do grupo, isso é que é vida minha filha, trabalho escravo não é vida para ninguém. Agora, você está estudando para fazer isso aí, você pode ter uma situação melhor ainda do que a minha, todos somos diferentes você não é eu e eu não sou você, mas muita coisa só depende da gente, entende para mudar e melhor o grupo?

“Seu” Raimundo assume ser negro e sua herança africana. Esse reconhecimento é um ato político, pois, ao afirmar a identidade de afrobrasileiro da Irmandade, ele apropria-se da memória, da história e da cultura de matriz africana, como elementos de sua identidade. Mesmo admitindo a importância da educação escolar (ao mencionar a melhoria de vida através dos estudos), é no espaço das Irmandades onde se celebram e se vivem as práticas de matrizes africanas (do reino africano), que nem lá se é possível viver e nem essas práticas aqui podem ser iguais às de lá. Assim, a África (o local do reinado mencionado por Manoel e por Raimundo) deve ser considerada no processo de construção identitária do afrobrasileiro, mas é impossível recuperar a sua totalidade original¹³.

Na fala de Raimundo, ainda podemos encontrar a noção de diferentes identidades no mesmo grupo. Ele e a pesquisadora fazem parte da Irmandade, mas Raimundo enfatiza que não são iguais. Além disso, deposita esperanças de melhorias para o grupo através dos estudos (destaca “você está estudando”) dos membros da

¹³ PINHO, Patrícia de Santana. *Reinvenções da África na Bahia*. São Paulo: Annablume, 2004.

Irmandade que conseguiram chegar à escola e à universidade. Por isso, esse retorno dos membros da Irmandade após os estudos tem sido uma variável comum nas Irmandades do Sertão Paraibano, o que justifica o seu grau de compromisso. Assim, nossa hipótese da importância da educação escolar para a construção das identidades dos membros da Irmandade passa a ser considerada. Essa mesma felicidade que acompanha Raimundo, por participar da Irmandade através dos Congos, também é expressa por Severino:

Severino pra mim é uma pessoa boa, um cidadão de bem. E eu gosto de fazer o que eu faço, tenho três profissões, sou locutor, gosto muito de fazer esse trabalho, sou guarda e também faço outra coisa que é dançar nos Congos, uma coisa que vem desde meus tios. Ele fazia naquele tempo, ele cantava, dizia como fazia. É isso, Severino é isso. Sou amigo, uma pessoa que gosta de fazer amizade.

Ao falar de si, Severino (negro, nasceu em Pombal - PB, guarda municipal e locutor, ensino médio completo, secretário/ embaixador dos Congos da Irmandade do Rosário de Pombal) descreve-se como um homem trabalhador e que faz o que gosta. A participação nos congos é uma das atividades mais prazerosas para ele, pois criou laços de amizade que o tornaram uma pessoa melhor. Refere-se a si mesmo como um “cidadão de bem”, e a sua iniciação na Irmandade se deu através dos tios. Isso indica que, na Irmandade, existe um entrelaçamento familiar, o que pode colaborar para o sentimento de pertença ao grupo.

O resgate da história do grupo, por intermédio da pesquisa ou pelas lembranças dos mais velhos da Irmandade, podem também auxiliar na construção desse sentimento de pertença. A respeito disso, vejamos o que assevera Geraldo:

Eu descobri que nós tínhamos toda uma história idêntica [...] que tinha como enfrentante, como você sabe, um negro, fundador, criador, Manoel Cachoeira, um negro, um ex-escravo [...] Olha, professora, eu me sinto com uma responsabilidade muito grande, na verdade, eles foram observando o nosso trabalho, eles sabiam que eu me esforçava, tomei conhecimento sobre os congos e a Irmandade [...] Então me sinto muito feliz, porque sei que estou no caminho certo, o grupo ele vai ter mais algumas oportunidades.

Ao se identificar com o fundador da Irmandade do Rosário, que era negro e ex-escravo, Geraldo (negro, nasceu em Pombal-PB, vereador, ensino médio, Rei dos Congos, da Irmandade do Rosário de Pombal) expressa sua identidade. Assim, o retorno à figura de Manoel Cachoeira é um fundamento de construção do sentimento de pertença e da identidade afrobrasileira, da relação da sua história do tempo presente com a história vivida por Cachoeira, no contexto da escravidão visível do Brasil, pois, hoje, existem outras formas de escravidão, de castigos psicológicos, como por exemplo, a discriminação racial. Para ele, coordenar os Congos é uma tarefa de responsabilidade e de respeito à cultura afrobrasileira. Manter um diálogo constante com os membros do grupo contribui para que ele ensine/aprenda também sobre a história dos Congos. Assim, a educação escolar também é um elemento da

construção da identidade do grupo, cuja aprendizagem é reforçada ao se colocar como importante para manter, através do registro escrito, a história do grupo.

O Estatuto da Irmandade do Rosário da cidade de Santa Luzia - PB, ao reger os requisitos para associados, não especifica características etnicorraciais. No entanto, todo o seu texto se refere a “nosso povo”. Por isso, entendemos que o interesse da Irmandade é deixar aberto para que os participantes se reconheçam como negros e construam a identidade afrobrasileira no processo de vivência na Irmandade. Assim, é possível afirmar que, na Irmandade, o que importa não são as características etnicorraciais, mas a identidade afrobrasileira, politicamente assumida.

Esses aspectos aqui abordados nos levam a considerar que ser afrobrasileiro é continuar a lutar por sua negritude, e que não são os elementos biológicos nem as teorias sobre identidade, etnia e raça que determinam a identidade afrobrasileira, mas o sentimento de pertença à cultura de matriz africana. Por isso essa identidade deve ser construída também politicamente, lutar, viver, defender e apropriar-se do que é afrobrasileiro. É assim que os protagonistas constroem e afirmam suas identidades.

Portanto, no espaço das Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano, aprende-se a lutar pela igualdade, pois, na esfera social, a recusa de um reconhecimento da dignidade humana pode acarretar um prejuízo para aqueles que são excluídos. A projeção de uma imagem inferior ou depreciativa, em função do racismo - é a sustentação da idéia de superioridade de uma raça qualquer sobre outra. O artigo 5º, inciso XLII, da Constituição Brasileira, diz que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”-, que desvaloriza a imagem coletiva do afrobrasileiro, pode tornar-se interiorizada. Essa condição sugere que os afrobrasileiros reconheçam o poder das associações negras, dos movimentos negros e das Irmandades como forma de fortalecimento e de espaços de lutas para assegurar seus direitos.

Os afrobrasileiros poderão superar essa exclusão, questionando o modelo imposto, fortalecendo os seus laços ancestrais, constituindo-se enquanto militantes de movimentos negros ou associações negras. Isso fará com que se conscientizem de que são vítimas de um estigma milenar e perceberão que são diferentes do modelo europeu. Só assim se sentirão impelidos a procurar as mesmas condições de direitos do homem europeu.

Para que possa, firmar sua identidade, os afrobrasileiros não precisam repetir o mesmo modelo de conduta recebido pela cultura branca, o qual deseja extinguir. Eles devem permanecer numa militância constante, reconstruir os valores de sua cultura e de sua história. Os que assumem essa postura militante, tais como os negros da Irmandade do Rosário do Sertão Paraibano, buscam maneiras de articular seu senso de negritude, em um plano de ação e de compromisso como participantes de um grupo. Deixam de se referenciar no preconceito e na condição de oprimidos¹⁴, para construir e conquistar espaços que se estendem desde as Irmandades à participação direta na política brasileira, lutando por políticas públicas que lhes assegurem o direito de viver dignamente com seus diferentes.

¹⁴ FREIRE, Paulo. *Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes, 1992.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano, a construção da identidade afrobrasileira acontece por meio de um processo mutável e relacional, com base na realidade em que esta inserida. Por isso não podemos remeter a noção de cultura dessas irmandades a uma ideia de África de antes, porquanto sua base é a cultura de matriz africana, reconstruída a partir de um novo espaço brasileiro. Assim, essa identidade afrobrasileira passa por processos de reconfiguração e ressignificação. Portanto, para entendermos a delineação desse processo, temos que considerar a história, a memória e a cultura como elementos de construção dessa identidade afrobrasileira, que é embasada, também, pelos saberes construídos através da troca de experiências entre velhos e jovens. No entanto, esses saberes passam a ganhar fundamentos mais consistentes quando seus elaboradores procuram vinculá-lo à educação escolar.

Com isso, consideramos que o sentimento de pertença é fundamental para a inteiração do participante com o grupo na construção da identidade afrobrasileira, vinculando-se a individualidade ao coletivo e, ainda, que esse processo de construção se dá pela apropriação cultural e de forma consciente. Portanto, a construção da identidade afrobrasileira é alicerçada pelo sentimento de pertença ao grupo. A afirmação dessa identidade permite que reescrevamos a história das Irmandades do Rosário do sertão paraibano, “dando voz” aos que, historicamente, foram silenciados. Para isso, é necessário valorizarmos a história afrobrasileira, com base nas experiências dos seus membros, articuladas ao seu fazer, a sua prática e ao seu contexto.

Reafirmamos, portanto, que os afrobrasileiros devem conhecer e compreender a cultura e a história africana e conhecer, através da memória dos mais velhos, a trajetória de lutas e de resistência do processo de formação da identidade afrobrasileira. Assim, esta discussão aponta a possibilidade de se construir uma história viva da cultura afrobrasileira, cujos protagonistas são os próprios membros das Irmandades, os quais descrevem sua história de lutas e de resistências.

RESUMO

As mutações do mundo contemporâneo relacionadas às questões teóricas, políticas, tecnológicas e culturais fizeram com que o conceito de “identidade” tivesse uma maior ressonância no interior e no exterior dos meios acadêmicos, perspectivando novos modos de entendermos a interação entre as experiências subjetivas do mundo e os cenários históricos e culturais onde se formam essas subjetividades frágeis e significativas”. Este artigo propõe discutir a construção da identidade afrobrasileira a partir das falas de membros das Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano. Para tanto, utilizamos a pesquisa do tipo etnográfica que trabalha com a cultura por meio da oralidade no seu ambiente natural, permitindo que os sujeitos construam a História e a história de vida, nos espaços sociais e culturais, que se expressa por meio da fala como exteriorização natural da memória. Nesse sentido, articulamos a etnografia **Palavras Chave:** Negros; Identidade Afrobrasileira; Afrodescendência; Sertão Paraibano; Lutas e Resistências.

ABSTRACT

The contemporary world mutations related to theoretical, politics, technological and cultural subjects, changed the “identity concept and got a larger resonance in interior and exterior of the academic areas, it present new ways for we understand interaction between the subjective experiences on world and the historical and cultural sceneries where they are formed those fragile and significant subjectivities”. This article proposes to discuss the Afro-Brazilian identity construction, starting from Rosario Fraternities members speeches in Paraíba Country region. For that, we used ethnographic research, it works with oral culture in its natural atmosphere, and allowing subjects build the History and the life history, in social and cultural spaces, it is expressed speech as natural memory exteriorization.

Keywords: Black; Afro-Brazilian Identity; Afro-descendant; Paraíba’s Countryland; Fights and Resistances.